

TRIBUNA Livre

26
NOVEMBRO
1960

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: ANTÓNIO JOSÉ DA COSTA

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO, E REDACÇÃO: LARGO DO DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR—TELEF. 62113 — A M A R E S

FAZ HOJE QUINZE DIAS | Tem Razão,

MR. GOLDWATER.

que Portugal se reuniu em Lisboa, capital do Império.

Concorreu como correria às armas; mas a exaltação foi muito maior ainda.

No Terreiro do Paço formou um luzido exército, para desfilar em parada de força espiritual do Direito e da Justiça que muitos séculos de História sebejamente sancionam.

Quem sai aos seus não degenera!

As lanças e os escudos trouxeram-nos desta vez na alma e nas bandeiras as legações que, a um breve sinal, afluíram de todos os recantos de Portugal com o que há de mais vivo e transcendente na vida de cada região e do que ela presta como contributo da grandeza e da epopeia de um Povo que todo o mundo civilizado sabe admirar e compreender, quando sabe ler na sua História.

Desejariam, extranho intento, os inimigos e contraditores dos grandes valores morais que algumas nações rasgassem as melhores páginas da sua história para que de novo se implantasse na Terra a confusão e tirar melhor partido dela.

Não! Não foi para tanto que as gerações de todas as idades sacrificaram vidas, derramaram sangue para engrandecimento das respectivas pátrias; e é a razão de recaírem cada vez mais graves responsabilidades sobre os ombros das gerações vindouras.

Não! porque, se tal fosse possível — o Mundo andar ao gosto de oportunistas, desgraçada humanidade em seu retrocesso aos tempos bárbaros. Em último recurso, Deus acudiria a semelhante desequilíbrio.

Foi num gesto de vibrante repulsa, por blasfêmas proferidas contra os sagrados direitos de Portugal em relação a terras e povos a que deu o ser, arrancou das trevas da barbárie e pôs no caminho do progresso e da civilização, tudo à custa de esforço sobrehumano — foi este o justíssimo motivo por que a Nação se fez representar pelos seus municípios e clamar bem alto e sentidamente que se lhe havia feito injúria e insólita violência.

Não! Ninguém recebe com indiferença uma afronta, ou no caminho da digni-

dade e do respeito, que tem por divisa trilhar e manter com os seus semelhantes uma insinuação afrontosa, muito menos uma ameaça de assalto!

Receber leis de fora em nossa Casa?

Malgrado fim das instituições, que o bom desejo dos povos melhor se orientarem por elas redonda e se encaminha para lhes vir das mesmas desrespeito e flagrante injustiça!

NATAL DOS POBRES

Mais uma vez abnegadas Senhoras da nossa terra vão levar a efeito, distribuição de roupas, agasalhos e géneros, aos nossos pobresinhos.

Tribuna Livre, lança nestas colunas um apelo a todos, no sentido de auxiliarem a comissão nesta ardua mas sublime tarefa, com os seus donativos, que tanto podem ser em dinheiro, como roupas ou géneros alimentícios.

Este auxílio aos pobrezninhos é agora, mais necessário e mais os confortará nesta santa quadra do natal, em virtude do mau tempo, que a muitos atirou para maior miséria.

Todos nós sentiremos mais alegria na noite de Natal e

A forma como se processou na Comissão de Curadorias, ao longo de quatro anos: a questão das Províncias Ultramarinas Portuguesas, até se, chegar, no passado dia 11 à votação da chamada «moção dos nove», caracteriza-se por dois aspectos fundamentais: de um lado, a inalterável posição de Portugal; do

outro, a evolução sofrida, sempre em sentido descendente e tortuoso, pelo referido departamento das Nações Unidas.

A argumentação do Portugal em 1960 foi a mesma de 1956 — fundamentada, apenas, em três sólidos pilares: Portugal é uno e indivisível, e não administra quaisquer territórios não autónomos; o artigo 73.º da Carta das Nações Unidas não lhe dá respeito, nem tem carácter cominatório; nenhum órgão das Nações Unidas tem competência para se sobrepôr à Constituição nacional de cada Estado, membro ou não membro. Em contrapartida, a argumentação dos inimigos de Portugal passou por inauditas transformações, socorreu-se dos mais traiçoeiros ardis e das mais vergonhosas abdições e acabou por se mostrar tal como era, na essência, quando um dos seus condutores fez em público a despidorada declaração de que

Continua na 4.ª página

O emigrar não deve ser uma aventura

Já lá vai o tempo em que emigrar constituía uma aventura rodeada de ambições fantasistas e de arrojadadas peripécias. O emigrante, por vezes, desconhecia o país a que se destinava. Era presa fácil, entregue aos cuidados pouco escrupulosos e interesseiros de indivíduos que desejavam tirar o melhor proveito monetário das pobres vítimas que caíam nas redes das suas artimanhas.

O emigrante era, então, um joguete nas mãos de exploradores. Qualquer motivo o levava a sair da sua Pátria e a ir, de ânimo leve, para longe à procura de outra coisa diferente em que visionava uma vida melhor. Sem protecção de organismos oficiais ou de associações particulares, o emigrante, desde o local do embarque até ao sítio que lhe destinavam para trabalhar, sentia-se assinalado com o ferrete da desgraça e da infelicidade.

Aí, tinha de se sujeitar a

condições vexatórias no trabalho, no alojamento e no ambiente social e moral. Era como uma pátria, colocado foras das vias de acesso à realização dos seus sonhos de felicidade e de bem es-

Continua na 2.ª página

A Lição da «Turrís Eburnea»

por António Maria Zorro

Na história dos últimos anos do século XVIII em Portugal, escrita ao sabor fácil da novela romântica ou do panfleto partidário, ficaram famosas as instruções dadas pelo Intendente Pina Manique acerca das modas que nos chegavam da França — da França da Revolução e do Directório, da França dos violentos «sans-culotte», dos ridículos «incroyables», das diáfanas «merveilleuses.» As faces rapadas, os crâneos masculinos desenhados segundo o figurino do Cícero ou Marco An-

tónio, as calças estreitas ao longo da perna, ou as espáduas das beldades tão descobertas como as das cortezãs da velha Hélade, tudo isso ferria profundamente os sentimentos do português de boa cepa que era Pina Manique, mas tudo isso deslumbrava e entontecia os filhos e as filhas das melhores famílias, das mais católicas e conservadoras famílias da sociedade por cujo pudor velava o Intendente das Polícias de D. Maria I.

Continua na 4.ª página

todas as orações serão melhor recebidas no céu, se tivermos a certeza que nessa noite todos os pobres terão pão e agasalhos e por tal dêem graças ao menino Jesus.

O Herói e o Santo

por P.º Albino J. F. Alves

Continuação do número anterior

O heroísmo e a santidade, fundem-se em D. Nuno Alvares Pereira. Não sabemos que mais admirar: se a desenvoltura com que maneja a sua espada indómita se o misticismo das orações ferventes com que implora ao Senhor dos exércitos e à Virgem a vitória para as suas hostes. As guerras vencem-se com a oração e é possível conciliar esta com o fragor na batalha.

Oliveira Martins «Vida de Nunes Alvares» dá-nos em naco de prosa bem castiça, a ideia clara da forma como D. Nuno conjugou as armas com a oração, na Batalha de Valverde.

«A hoste portuguesa arremeteu logo contra os inimigos da vanguarda, fustigada ao mesmo tempo pelos que a seguiam em marcha. Então o combate ganhou o seu momento culminante. As setas os dardos as pedras, as lanças,

formavam sobre o monte coroado pelos combatentes como que uma couraça de escamas cintilantes em perpétua agitação, e de sob ela reboava pelos ares o trovão medonho da juras e imprecações da guerra, com o tenir das armas, o estalar dos golpes, o gemer dos feridos, o soluçar dos agonizantes: tudo revolvido numa onda que descia sobre a campina, alastrando-a de horror.

Uma seta, sibilando, veio cravar-se num pé a Nuno Alvares. Ferido, assim mesmo correu à retaguarda donde vinham gritos de perdição: as fileiras vergavam sob

Continua na 3.ª página

Santa Casa da Misericórdia

No próximo dia 2 de Dezembro, com começo às 14 horas, realizam-se as eleições para a nova mesa que ha-de servir no triénio de 1961 a 1963.

TRIBUNA das ARTES e das LETRAS

Sá de Miranda

A Egipciaca Santa Maria

(Continuação)



Sobre as ervas se assenta
Comendo das mesmas ervas
porque o Senhor com tais ervas
as ervas com que a sustenta
são saborosas conservas.

E tomando algum alento
das ervas ac pé do monte,
que já tinha por sustento,
passeando num momento
chegou a hua fresca fonte

A fonte era natural
e tal que a Santa se alegra,
e por ser tão doce e tal
com a mão já do tempo negra
toma o licor de cristal.

E detendo se um pequeno (pouco)
vendo a agua cristalina
correr pelo prado ameno
deu graças ao céu sereno
não sendo de tal bem dina (digna).

Dá volta como costuma
à pedra onde repousa,
porque o corpo não presume
que pode ter outra cousa
senão com que se consuma.

Porem, deseja viver
e padecer tudo isto
athé por Christo morrer
que o mesmo é viver com Christo
que por Christo padecer.

Sentada na pedra fria,
fazendo de si desprezo,
dos cabellos se cobria,
cabellos, que já algum dia
alguem nelles ficou prezo.

Porem, o tempo e rigor
a ella e à cabelleira
fez perder a tudo a côr,
e a seu Deus desta maneira
sempre pareceu melhor.

Não tinha sobre si mais
que pedaços de um vestido
de casa inda de seus pais,
como edificio cahido
de que ficaram sinais.

Aqui o melhor que tinha
foi que tinha em memoria
o que à sua convinha,
que era o caminho da gloria,
pera onde sua alma caminha

E tinha visto e bem perto
experimentado a verdade,
que estava alli no deserto,
e da gloria mais perto
do que estava da cidade.

Quando era acaso tentada
do que já safa a ser
da triste vida passada
logo para a socorrer
Deus não lhe faltava em nada.

Quer mais estar affligida
de calma, de fogo e sêde,
de sol queimada e despida
que quanto o mundo concede
de riquezas nesta vida.

Quer mais padecer tormento
por quem tormento padece
de frio, neve e vento
que quanto o mundo oferece
de bens e contentamento.

Quer mais àquela saudade,
às ervas à fonte fria,
e de um leão a amizade,
que a falsa e má companhia
da confusão da cidade.

Este verdadeiro amor
com tanta razão queirais,
que os bens do mundo são tais
que vos deixam no melhor,
e vós também os deixais.

E está tão segura e certa
da parte do amor divino,
que lhe pede de contino
a livre da vida incerta
de um pensamento malino.

Que lhe tire da memoria
memoria que tanto a cança,
pois lhe ordenou tal mudança,
que não quer mais que na gloria
ter a memoria e lembrança.

Um pensamento que mente
do falso mundo não quer,
mas que quando lhe vier
pera padecer somente,
contente quer padecer.

Que ele por sua clemencia
a fortaleza e conforto,
na sua fraca austinencia,
a que morra em penitencia,
como penitente forte.

E este discurso fazia
com a mão dobrada na face
quando Thebo mais se erguia,
e sem temor que a trespassse,
porque noutra fogo ardia.

Já pela continuação
este sol a não queimava
que o sol divino que estava
dentro do seu coração
o outro sol temperava.

Não tem os raios ardentes,
nem receia a grande calma,
que outros raios mais potentes,
e mais abrazados e quentes
lhe estão penetrando n'alma.

Quando Jesus, sol divino,
entra n'alma e lhe acode
nenhum planeta inimigo
benevolo nem maligno
bem nem mal fazer-lhe pode.

Dando o sol fim à carreira,
ficou de noite na pedra
por ser cama e cabeceira
que desta maneira medra
huma alma desta maneira.

Como a regalada vida
manjares estima e ama,
e a cama branda e querida;
ervas são sua comida,
e huma pedra dura a cama.

A Pintura Actual Catalã

por César Afonso

Nove artistas catalães expuseram agora no Palácio Foz vinte e sete trabalhos, dos quais dezoito quadros (note-se o sublinhado).

A exposição foi organizada por Quirino Teixeira e os artistas — convém fixar-lhes os nomes — são os seguintes: Juan Vila-Casas, João José Tharrats, Hernandez Pijuan, Eduardo Alcoy, Rafols Casamada, Carlos Planell, Roman Vallés, José Luis Garcia e Jordi Curós.

O que mais nos impressionou nesta exposição foi o despalante do apresentante ou organizador, ao falar de «uma pintura tão estranha, tão diferente, tão desconhecida em Portugal»...

Ora manda a verdade que se diga que a exposição da pintura actual catalã nada nos traz de novo, embora atinja um nível aceitável no panorama da arte abstracta.

Nestas mesmas crónicas até nos insurgimos já contra certo por assim dizer academicismo e rebuscada hermetismo de alguns dos nossos abstractos e a que os catalães não se furtam também, enveredando por excentricidades *informalistas*, que constituem ou revelam um desequilíbrio ridículo e incompatível com a verdadeira noção e função da arte. Numa exposição de arte abstracta — que nem todo o público aceita, porque não a aprecia devidamente — o ritmo formal constitui qualidade imprescindível, tal como na mú-

sica, na dança ou no verso.

O ritmo como elemento de composição torna-se indispensável na medida em que dá equilíbrio ao todo, na medida em que ordena ou integra as linhas, os volumes ou a cor; sem ele, sem o ritmo, a obra de arte perderia a sua razão de ser, pois se converteria em obra do acaso, em devaneio sem sentido e sem estrutura.

Nos pintores abstractos o ritmo é a essência da sua pintura, pois este supre os valores ou atributos do figurativismo.

Ora, apreciada à luz deste critério, talvez o público — mesmo o não iniciado — aceite sem relutância a pintura abstracta e, concretamente, esta exposição.

Merecem especial relevo Tharrats, Pijuan, Casanada, Alcoy, Vila Casas, Roman Vallés e José Luis Garcia, cujos quadros se caracterizam por uma força interior irremovível e que se expressa em tonalidades encantadoras pela subtilidade, pela diafanidade e pela espontaneidade.

Repetimos: a exposição segue uma corrente que não é exclusiva da Catalunha, como se pretendeu; nela se integraram já artistas portugueses, podendo citar-se, para confronto — que o não temem — um Bual ou um Nuno Siqueira, sem falar noutros que o Salão dos Novíssimos veio revelar, para honra da moderna pintura portuguesa.

O emigrar não deve ser uma aventura

Continuação da 1.ª página)

tar. Nesse estado a inspirar comiserção, o emigrante envergonhava-se de si mesmo e, por isso, cortava os laços de união com a família. Não escrevia, nada comunicava e para ali se conservava numa vida de negrume, de desespero e de desilusão...

Nos últimos anos, em Portugal, graças à Junta de Emigração e à Caritas Portuguesa muito se tem conseguido neste particular. Não se atingiu a perfeição, mas caminha-se a passos largos para ela.

Criou-se um ambiente de carinho, de protecção e de ajuda em volta dos emigrantes. Procura-se garantir a estes condições dignas de trabalho e de alojamento, previamente estudadas com os organismos competentes

dos países a que se destinam os emigrantes.

É, na verdade, uma obra meritória e de grande projecção social e moral que o Governo e a Igreja vêm realizando. Se, infelizmente, há a registar casos de portugueses que no estrangeiro nada conseguiram ou vivem em situação deplorável, isso deve-se em grande parte à emigração clandestina que ainda constitui para muitos um fogo fátuo a vislumbrar horizontes irreais, ou, então, a circunstâncias alheias à vontade e aos desejos dos responsáveis.

O Dia do Emigrante é momento oportuno para se chamar a atenção de todos os perigos da emigração clandestina. Hoje, está provado como regra geral que emigrar à aventura é, efectivamente, uma aventura arriscada e de efeitos prejudiciais...

Visado pela C. de Censura

TRIBUNA do CONCELHO

Bouro confia e espera benefícios dos homens que actualmente Administram o Concelho

Foi com uma das maiores satisfações que Bouro e Frande, bem como todas as freguesias suas congéneres, aceitaram da nossa Ex.ma Câmara actual, a comunicação, que finalmente sempre vamos ter a construção da ponte sobre o Rio Cávado, no Adegueiro, conforme lhe foi pessoalmente prometida por Sua Excelência Senhor Ministro das Obras Públicas, que logo em seguida deu um despacho, notificando a Companhia da Hica para esta mandar executar tal obra.

A passagem do Adegueiro estabelecida, foi sempre uma das maiores aspirações de todo o povo destas laboriosas freguesias, pela grande necessidade que esta passagem está a fazer, e se encontram isoladas desde a construção da Barragem da Cávada, pois é a esta, quem deve tal isolamento, o que tanto prejuízos está acarretar para todos que da mesma tem a necessidade de se servirem.

Tanto as lastimações que este isolamento tem causado, como a satisfação com que recebemos a comunicação que agora vamos ser atendidos na construção da ponte no Adegueiro, já se não pode tornar estranha aos seus responsáveis pelos prejuízos que apontamos, muito que várias vezes foram feitos tanto das mesmas, reclamações através de officios, telegramas, e até pessoalmente! Depois de muita insistência nossa, acabaram por nos querer contentar, com uma passagem improvisada, através duma grade que conduz água para uma moagem ali existente, cuja a referida passagem que já remediou, as aspirações dos povos destas laboriosas freguesias, pois que foi feita de tal maneira, que a mesma em parte já se encontra desde muito tempo totalmente desfeita, o que sem dúvida, se pode chamar mesmo uma verdadeira armadilha para quem da mesma se sirva, o que a comprová-lo, lá se encontra afixada pelos próprios responsáveis, uma Placa ameaçando «perigo de pedras».

Até parece inacreditável, que a Hica tivesse mandado executar uma obra daquele género, sem qualquer estético de beleza, nem de segurança, nem tão pouco de remédio para aqueles que se consideram lesados, quando esta costuma fazer obras dignas de admiração, pela sua estética de beleza e seguran-

Oxalá, que a obra agora a executar, seja estudada e fiscalizada, convenientemente para que os povos destas laboriosas freguesias, fiquem devidamente remediados, o que estamos certos, que Sua Excelência Senhor Ministro das Obras Públicas, quem foi dado tal conhecimento pessoalmente, e até através de fotografias, mostrando lhe a obra que lá se encontra executada, o que ele próprio ignorou, e não deixará por isso de mandar fiscalizar o que estamos certos, não temos dúvidas na execução da obra, uma vez que os seus responsáveis entreguem o serviço a técnicos competentes para tal fim.

Desde já, apresentamos os nossos sinceros parabéns de agradecimento a Sua Excelência Senhor Ministro das Obras Públicas, pela justiça que nos fez naquilo que pedimos. E os mesmos parabéns de agradecimento, apresentamos á nossa Ex.ma Câmara actual, que prometeu e cumpriu, em expor pessoalmente quem de direito, a pertença tantas vezes «reclamada» pelos povos desta e outras freguesias suas congéneres, e que é a esta Câmara actual, quem ficamos a dever este grande melhoramento e que a todos o mesmo bem beneficiar, conforme sempre se comprovou, visto tratar-se não duma passagem nova, mas sim duma passagem de tempos imemoriais que lá sempre existiu e que sem ela não se pode remediar. Oxalá que os responsáveis deste problema da passagem do Adegueiro não demorem de ao mesmo darem a devida solução conforme nos foi prometida e que nós mesmo confiamos.

SALVÉ O DIA - 26 - 11 - 1960

Passa hoje o seu aniversário natalício o nosso particular amigo, Snr. António José da Costa Machado, ausente no Canadá.

Que esta data se repita por intermináveis anos, são os votos sinceros de toda a sua família.

A Direcção dos Leões da Modelar, que quem ele é sócio benemérito não podia deixar de lhe expressar os maiores parabéns por tão faustosa data.

Um amigo

Visado pela Censura

O HEROI E O SANTO

Continuação da 1.ª página)

o ataque sempre renovado, batendo-as como catapulta contra muralhas de pedra. Reforçou os ânimos, avivou a coragem, partiu: da vanguarda chamavam-no... Mas desaparecera.

Já a hoste portuguesa não avançava... fixara-se no chão como petrificada, obedecendo ao impulso contrário dos inimigos, que de ambos, os lados a assaltavam. Começa a surgir o terror vago da derrota. Nuns empalideciam as faces, noutros redobrava a fúria; mas quando chamavam por Nun Álvares, e não o viam gelava-se-lhes o sangue, sentindo-se órfãos. Para onde fôra? Morrera? Fugiu a?

Não; não podia ser... Um milagre talvez: Deus tê-lo-ia arrebatado ao céu, livrando-o à morte e à deshonra que viam iminentes no crescer cada vez mais terrível dos inimigos contra os muros hesitantes do quadrado português... Sumira-se! Buscavam-no por toda a parte, nunca angústia suma, com o medo cruel

Telegrama

O clero do arceprelado de Amares, na última palestra deliberou enviar ao Senhor Presidente do Concelho, um telegrama de protesto contra os insultos feitos à Soberania de Portugal no Ultramar, afirmando a sua solidariedade e apoio ao Governo.

Vida elegante

Aniversários

Fazem anos:

Hoje — o menino Francisco do Nascimento Gonçalves Dias.

Dia 28 — o senhor António Batista Macedo Fernandes.

Dia 1 de Dezembro — a menina Maria Amélia Oliveira Arantes a sra D. Maria do Céu Gomes e o sr. António José da Costa.

* * *

Passa amanhã o seu quarto aniversário natalício a menina Maria Madalena da Silva Dias, filha do snr. Armando Joaquim Dias e de Maria Rosa da Silva.

Fazemos votos de uma longa vida em companhia de seus queridos pais.

de perderem um pai. No recinto do quadrado, dentro da hoste, não estava. Saíram para fóra, lateralmente a procurá-lo na charneca, por entre os dentes empinados da rocha que aflorava. Entretanto, o combate feria-se cada vez mais rijo.

Rui Gonçalves, de súbito deparou com ele. Ao lado estava a mula e o pagem que a tinha à mão, segurando a lança e o braçal do Condestável. Nun Álvares de joelhos, entre dois pedregalhos com as mãos postas e os olhos no céu, rezava..

Passado o primeiro espanto, Rui Gonçalves, aflito e acordado pelo trovão constante da batalha, arrancou um grito: — Estamos perdidos!

Nun Álvares, fitando-o distraidamente, com uma voz pausada, tornou-lhe: — Rui Gonçalves, amigo... ainda não é tempo. Aguarda um pouco e acabarei de orar.

Mas, nisto, já outros tinham descoberto o Condestável, e, açodado, oregante, Gonçalo Anes, que vinha adiante, gritava, atropelando as palavras brutalmente:

— Nada de rezas... que morremos todos! Ele, voltando a face e emudecendo-o com a fascinação do olhar, tornou:

Ainda não é tempo, amigo...

Caíu no êxtase. Em volta, os seus caíram num desespero mudo, misturado de espanto. Que homem singular, mas sedutor!

De repente, Nun Álvares, como que acordando, ergueu-se. Ergueu-se, firmou-se nos pés, distendeu os braços, fixou a vista, armou o ouvido... a batalha rugia medonha! Em frente, na crista do monte, recortando-se no azul do céu, destacava-se mais alta a bandeira do mestre de Santiago. Pondo a mão esquerda no ombro do seu alferes Diogo Gil, apontando com a direita, disse-lhe:

— Vês as bandeiras que estão no cômoro daquele monte?... A mais alta deve ser a do mestre de Santiago... Vês?

— Senhor, vejo.

— Pois andai lá com essa minha e vamos junto dela... Amigos avante! Cada um seja para quatro!

Largaram, guiados pela bandeira sagrada do Condestável partida por quatro campos, em que se confundiam aëreamente batidos pelo vento, as imagens da alma mística, os braços do sangue fidalgo, perfumes de

santidade, reptos de heroísmo, concatenados pelos braços vermelhos da cruz floreada dos Pereiras, fundindo assim, fantasma gòricamente, o céu e a terra, envolvendo tudo numa atmosfera de milagre e alucinação. Uma rajada de fé passava pelos cérebros rudes, dando aos nervos de cada braço rijeza cataléptica e força mais que humana.

A ondulação magnética passara do Condestável para o grupo dos que o cercavam, e, correndo todos, loucamente, a incorporar-se na hoste, passava ao corpo inteiro do exército, que arremeteu com fúria, levando perante si, de roldão, toda a gente inimiga, num arranco de violência histórica. A batalha estava ganha, o campo ficava livre, o milagre consumara-se.

Nesta prova bem movimentada e num estilo vivo e expusivo, está bem retratada a alma do Santo Condestável. A fé transpõe montanhas, diz a sagrada Escritura. Foi esta fé intrépida do mais intrépido e audaz guerreiro português, que transpôs os maiores obstáculos, humanamente insuperáveis impondo a derrota a Castela e consolidando definitivamente a independência de Portugal.

HUMORISMO

Desconfiança nos namorados

A mãe para a filha:
— Não quero que vás passear com o José.
— Não tem confiança em mim?
— Sim, em ti confio.
— Então é nele que não confia?
— Nele também confio.
— Então?
— Então... Eu não confio é em vocês os dois, juntos...

Tinha razão

— O pai encontrou a filha e o namorado a beijarem-se:
Ah! Seu patife! Seu atrevido!...
Abusa da confiança que lhe deram para ter essas intimidades com a minha filha! É assim que paga a confiança que tinha em si! Garoto! Ingrato!...
— Ingrato?... Ingrato é o senhor! Paga-me dessa maneira quando eu sempre ouvi dizer que quem meus filhos, beija minha boca adocha!...

Tem Razão, Mr. Goldyater

(Continuação da 1.ª página)

«considerava verdadeiro tudo quanto pudesse servir os seus interesses».

A moção foi votada, como se sabe, por quarenta e cinco países contra seis, havendo vinte e quatro abstenções e vinte e três ausências. Para que até ao fim não faltassem notas pitrescas, na Comissão de Curadorias aconteceu que entre os ausentes se contavam alguns encarniçados adversários de Portugal, que à última hora se deixaram porventura alardar nas delícias mundanas de Nova York, e aconteceu, também, que nas abstenções figuraram a Rússia e todos os seus satélites europeus; é transparente o motivo desta abstenção colectiva, que não passou de um protesto, de um soviético amuo perante a rejeição da moção proposta pela Ucrânia; quer dizer — Kruschév e os seus satélites acharam benignos os termos da «Moção dos Nove» e desejariam, no seu insofrido imperialismo, solução mais brutal, mais humilhante para o direito, para o moral e para todo o Ocidente; mas não terão faltado ingénios a querer acreditar que a atitude do bloco comunista europeu tinha o miraculoso significado de um abrandamento...

Passando a apreciar o quadro dos quarenta e cinco países que votaram: a favor da moção — ou seja contra a integridade do território português — verificamos ter havido casos de perfeita coerência, que ninguém pode levar a mal; foram com efeito perfeitamente coerentes o Ghana ou a Guiné, o Mali ou a Tunísia, o Togo ou qualquer desses dois desolados desertos que são a Líbia ou a Somália; inimigos declarados do Ocidente Europeu, é evidente que outra não poderia ser a sua atitude e o que se diz deles diz-se de Cuba, em vésperas de ser sovieta por completo, ou da pobre Finlândia, sujeita a servir os interesses anti-ocidentais para não perder o pouco de independência que lhe resta; o mesmo se não poderá dizer, contudo, de meia dúzia de países livres e civilizados, que embora sem qualquer solidariedade política ou moral com a Nação Portuguesa, estavam obrigados a não pactuar com os comunistas afro-asiáticos por um elementar imperativo de Direito e de Cultura: a Suécia ou o México; para se manterem fiéis aos ídolos da sua mitologia política, não precisavam de sujar as mãos neste latrocínio das normas do Direito Internacional — sem sequer as lavarem, depois, como Pilatos. Que se dirá então dos votos dados a favor da moção anti-portuguesa por países que através do Pacto do Atlântico são aliados de Portugal, como a Noruega ou a Turquia, para já não falar do tristíssimo caso da Grécia, que mais uma vez trai a sua própria herança — o Espírito

do Ocidente — sem ter agora a frágil desculpa da questão de Chipre?

— Pois dir-se-á que se trata de um caso de suicídio moral e de obliteração de inteligência como não há memória. A razão do Pacto do Atlântico — tão calorosamente enaltecida em uma dúzia de anos de existência — é a defesa do Ocidente contra o comunismo; a razão da ofensiva dirigida contra Portugal e consagrada nos termos da «Moção dos Nove» tem-se visto ser apenas um golpe com que se pretende ferir mortalmente a defesa do Ocidente: dado às Províncias Ultramarinas Portuguesas o ignóbil destino a que o Sr. Lumumba quer entregar o Congo, tendo-se lançado Portugal no caos e cingido o Continente africano com uma cintura vermelha, desde Ghana à fronteira Sul de Moçambique, seria na verdade muito fácil a Moscovo aposar-se de África e, ao mesmo tempo da Europa — de uma Europa que teria perdido o seu melhor bastião anti-comunista, um bastião, realmente seguro, intransigente, inexpugnável.

Os nossos irreflectivos parceiros no Pacto do Atlântico ignoraram tudo isso e puzeram-se às ordens da Nigéria ou da União Indiana com a mesma escandalosa inconsciência com que certas mulheres que se dizem ou se julgam honestas são capazes de se portarem pior do que barregãs — só para andarem à moda.

Bem o compreendeu o «Daily Express», ao escrever «Que vergonha.» para verberar a abstenção da Inglaterra, e bem o compreendeu um norte-americano ilustre — o senador Barry Goldwater — que apareceu agora a perorar aos cidadãos do Alabama, positivamente apavorado com a política africana do Ocidente e rogando, de mãos postas, que se não fale mais em independência quando a independência significa o regresso e selvajaria e a entrega dos povos — a curto prazo à anarquia e ao domínio do comunismo. Tem razão, Mr. Goldwater. Infelizmente, tem muita razão.

Paisagens e Realidades

Continua na 5.ª página

que há também a alegria e a tristeza, o prazer e a dor, a fartura e a fome, o calor e o frio e de tudo têm uma ideia exacta e uma experiência vivida. Saibamos nós compreendê-lo e auxiliá-lo e o milagre realizar se-á para convencer os incrédulos e dissipar risos trocistas. Sejamos sinceros e coerentes com a realidade despidendo-a de poesias ocas e encarando-a tal como se nos depara para a podermos transformar num verdadeiro poema de empreendimento humano e louvar a Deus.

Josonar Gayo

Tribuna de Vieira

Continua na 6.ª página

Também eu pergunto, porque motivo certo sacerdote foi seriamente admoestado pelos senhores da vara e aconselhado a não entrar no Vaticano (sic)!

Oh gentes, «aqui tem o sentido de repugnância» pasmai e vêde que falta de senso e coerência e sobretudo o abuso e a prepotência de...

Por favor, os leitores, não peçam comentários, senão o sudário desdobra-se e depois...

O Lobo

Talvez devido à rigorosa invernia que resolveu vir passar este ano a quadra outonal a todas as terras do continente, esta alimária foi vista em Ruivães. Até à data, não temos conhecimento dos estragos causados. Dizem que deambulou no centro da vila, foi até Vale, e depois se embrenhou para os lados de Turio, onde certamente foi comer pacato e sereno a rês apanhada. Mas que fauces tem o maltês...

Estrada de Campos e Zebal

Aí por 1940, e anos seguintes, começaram os técnicos a fazer o projecto.

Só há pouco tempo, foi começado o troço de estrada que há-de ligar estas duas povoações à Estrada Nacional Braga a Chaves. Há meses que as obras foram suspensas e o que está «tão mal feito» encontra-se intransitável. Mas como é? Interrompeu-se, porque? Está ou não incluída esta estrada no plano de fomento? Se fosse em determinada zona do Concelho, já estava o caso resolvido.

Desde 1940!... E foi o Sr. Morgado quem deu hospedagem de borla, aos técnicos e ao Técnico, com maiúscula.

Novo Pároco

Consta que vai ser nomeado pároco para a freguesia de Mosteiro que ainda chora saudosa e reconhecida o benquistado Padre Manuel, que o caciquismo orgulhoso não quis tolerar.

Trabalha-se em profundidade pela criação da paróquia da Vila. Folgamos com as duas notícias e regosijamo-nos com o povo da Vila. Concretiza-se a maior, mais justa e louvável aspiração dos católicos deste centro populoso e desenvolvido.

A hegemonia depois das vicissitudes que hão de ser históricas, passa agora de Esparta para a formosa Atenas.

O Tempo

Não há memória de semelhante flagelo. A lavoura atravessa uma crise terrível, que vai ressentir-se na economia, afectando-a gravemente durante este ano e seguintes.

Parte dos milhos, estão nos

A Lição da «Turrís Eburnea»

(Continuação da 1.ª página)

Centena e meia de anos volvidos acontece que em Portugal o Ministério da Educação acaba de dar instruções aos reitores dos liceus e directores de outros estabelecimentos de ensino para velarem pela maneira de trajar dos seus educandos e que, na esteira do exemplo português, o reitor do Liceu de Bordeus, na progressiva França, decidiu reprimir, entre os adolescentes de ambos os sexos, seus alunos, o uso e abuso dos blusões e das calças «à Texas», das cabeleiras desgrenhadas, ou das simples barbichas — de tudo, em suma, que traduza o culto da excentricidade, do desmazelo ou do impudor.

Está, pois, vingada — em Portugal e na França, pelo menos — a memória de Pina Manique, o que não é, contudo, razão para nos alegrarmos. Medidas deste género, por melhor intencionadas que sejam, representam sempre um triste sintoma e oferecem alguns perigos. O sintoma é o da incapacidade educativa da família e do envelhecimento dos quadros sociais; os perigos consistem, principalmente, em nem sempre se saber onde está a fronteira que separa a irreverência e a indisciplina, a liberdade e a desordem, a alegria de viver e a falta de vergonha.

Com efeito, como se explica que o reitor do Liceu de Bordeus se visse obrigado a vestir com decência as meninas burguesas suas alunas, senão por um espantoso eclipse educativo das famílias dessas meninas?

Por outro lado, que princípios morais se podem invocar contra os adolescentes que deixam crescer a barba? — Dir-se-á que basta invocar o ridículo, mas o ridículo é na verdade, algo de excessivamente imponderável, para que possa ser objecto de disposições regulamentares.

Cada época traz novas modas e cada moda, mesmo quando ridiculada, mesmo

campos, sem possibilidade de recolha. As espigas apodrecer, as palhas completamente perdidas. O povo anda alarmado e vaticina um ano de fome.

Deus permita que venham agora tempos temperados e não nos faltem os elementos necessários para a alma e para o corpo.

C.

quando atentatória de normas elementares do bom senso, do pudor, do aprumo ou até da higiene, exerce sempre uma fortíssima influência social, que se não limita a fascinar as mulheres; como se está vendo no momento presente. Até agora, as reacções contra os desmandos da moda têm sido meramente negativas e os seus resultados são contraproducentes. Não é impondo à juventude figurinos antiquados que se consegue desviá-la da tentação da novidade e dos riscos que lhe são inerentes; é antes de mais nada, mediante uma educação familiar suficientemente sólida para não capitular perante a primeira moda que lhe seja contrária; é, depois, tomando a iniciativa de criar modas sádias, de ir ao encontro da ânsia de novidade e do culto do traje, que em todos os tempos e em todas as latitudes há-de caracterizar a gente moça.

Neste capítulo, Lisboa acaba de ter uma surpresa: — vinte elegantes raparigas italianas apresentaram sessenta modelos de modas femininas de todos os géneros e fizeram-no, simultaneamente, em nome da moda e do cristianismo. À primeira vista, o ambiente em que decorreu essa passagem de modelos era tão fútil como o costumam ser semelhantes reuniões, mas muitas das senhoras e raparigas que a ela assistiram não tardaram a confessar-se impressionadas tanto com a beleza e o modernismo dos vestidos como com a elegância moral que deles irradiava. Tratava-se de uma obra católica italiana, a «Turrís Eburnea» instituída em Turim por um inteligente e bem avisado sacerdote, o cônego Miguel Peyron.

Realizadoras de uma singular tarefa de apostolado, os «modelos» da «Turrís Eburnea» propõem-se implantar aquilo a que chamam a linha da elegância cristã e mostrar às suas compatriotas e às raparigas e mulheres de outros países que a moda pode ser moda sem ofender a moral.

Não sabemos se as senhoras de Lisboa que assistiram a essa extraordinária passagem de modelos estão já entregues à tarefa de lhes copiar os figurinos; seja como for, a visita da «Turrís Eburnea» trouxe ao nosso País uma lição que não diz respeito, apenas, às salas de costura e que interessa também ao gabinete austero dos educadores.

PÊLOS

Destruição definitiva pelo processo mais moderno e rápido

RUA DE S. VICENTE 94 || BRAGA

TRIBUNA DE TERRAS DE BOURO

VALDREU E GONDOMAR

Por ter ficado aqui mui perto, paredes meias com a freguesia de Gondoris em que terminou a longa digressão por Terras de Bouro (estando com as mãos na massa, como soi dizer-se) vai agora, extra programa, a título de singela homenagem a velhos e inesquecíveis amigos e companheiros dos bancos da escola, uma breve resenha de apontamentos colhidos sobre estas duas freguesias em epígrafe.

Previna-se, entretanto, o leitor contra as deficiências que forem achadas, pois nunca visitei pessoalmente Gondomar lá nas alturas da célebre Nóbrega.

Valdreu, uma única vez há apròximadamente umas três dezenas de anos, para assistir à *missa nova* de um jovem presbítero que a morte arrebatou tão cedo ao convívio de seus antigos colegas e amigos; novel sacerdote de cujos dotes de carácter e inteligência muito havia a esperar, tão cedo desaparecido do seu meio e torrão natal que não chegou a colher os frutos de uma actividade e apostolado que logo se mostraram sem par, porque tinham de ser de pouca duração.

Saudoso Padre Amadeu!

Esta visita, porém, como fácilmente se depreende, foi nula de investigações para a história local, que a esse tempo andava muito longe de despertar-me a curiosidade semelhante desporto. O dia foi todo preenchido pelos actos solenes que se dividiram entre o ceremonial litúrgico próprio do raro acontecimento e o lauto banquete servido a algumas centenas de convivas numa esplanada, ao ar livre, agradável cenário que tinha por fundo um jardim de canteiros de luxo e alecrim, a respirar os ares confortáveis de velha casa solaranga.

Mas, deixemos estas memórias entre tristes e saudosas recordações do passado, e vamos ao que importa:

Qualquer destas duas freguesias esteve no primitivo *Julgado de Bouro* que assim o mostram as Inquirições de 1220:

De Sancto Salvatore de Baldeii
De Santo André (de Gondomar)

Repartindo-se o grande julgado medieval por menores circunscrições fiscais e administrativas, Valdreu aparece no de Regalados ao tempo das Inquirições de 1258; Gondomar na «terra de Nóbrega».

E agora vamos por partes.

Atribuem os etimologistas a origem da palavra Valdreu a nome próprio de homem; é, portanto, um antropónimo — *Balderedi* genitivo de *Balderedus* — e a forma latinada do texto das Inquirições, acima prescrita, marca claramente a sua transição. Devia, pois, escrever-se com um B, mas a nossa tendência para trocar os *bb* pelos *vv* é mais que notória e já pouca gente repara nesta constante reincidência e falta de regularidade fonética.

Seria, por conseguinte, a *villa de Balderedo* ao tempo do grande domínio senhorial de Romanos ou Jodos, mais plausivelmente dos últimos.

Se nas terras de Entre-Homem e Cávado os mouros não encontraram fácil meio de apego e defesa, é certo que arrebataram aos cristãos a posse do castelo de Nóbrega e, fortificando-se nele, daí manobraram ao longe e ao perto as suas tremendas ofensivas e destruições.

Durou isto até que D. Ourigo ou Rodrigo, da *Nóbrega* chamado, o reconquistou nos primeiros anos do governo de D. Afonso Henriques, pelo que ficou senhor da dita terra e de Vila-Verde.

Foi este mesmo D. Ourigo o fundador e primeiro padreiro do há muito extinto mosteiro de Valdreu que se transformou em couto demarcado por padrões e andou nos da sua descendência.

Ligado a este andava, como se deduz das Inquirições de 1258, o mosteiro de S. to André de Gondomar, criação de D. Afonso Henriques. É noticiosa esta informação que deram os respectivos jurados:

Nunus Telaiz prior de Villa Nova, Johannes Martiniz seu pay judex de Regalados, Nunus Fernandi prior Monasterii de Baldeii (este era neto de D. Ourigo) Johannes Alphonsi de Chamoim prelati, Laurentins Petri prelati de Villa Chãa jurati dixerunt: que este davandito Moesteiro fez el Rei don Afonso 1.º de Portugal, et poblou o de bois et de vacas et de eguas et de seu ganado et de seus mouros et de seu aver, et coutou o per padrões, el era seu gente, el davan li deste davandito Moesteiro cada ano savugtos; et cavaleiros da terra fezeron se ende erdeiros, et o Moesteiro non nos podeu sofrer et depoblou se, et agura esta ermo.

Visado pela C. Censura

Paisagens e Realidades

Encontrando-me certo dia na linda e moderna cidade de Dakar, ao percorrer os bairros indígenas, constituídos por pequenas e modernas casas económicas, ouvi uma senhora holandesa, amadora de etnologia, fazer a seguinte observação: «Não há dúvida de que esta gente seria mais feliz nas velhas cobatas onde estava acostumada a viver».

Aparentemente pode considerar-se tal afirmação destituída de fundamento mas, na realidade, tem uma certa razão de ser. Os povos africanos, quando não assimilados e entregues a si mesmos, são, pelo menos aparentemente, destituídos de aspirações e contentam-se com pouca coisa: uma pequena casa tosca e primitiva, dois palmos de terreno que lhes dê um pouco de «fuba» para fazerem o seu «pirão» e pouco mais

DO GERÊS

Abrirá a fronteira em Lindoso ou no Gerês

Eis uma iterrogação que os geresianos fazem perante afirmações completamente descontraídas. Segundo informações das autoridades espanholas muito brevemente abrirá a fronteira de Lindoso, perdendo assim o Gerês mais uma oportunidade de ver a fronteira da Portela do Homem aberta.

Era esse o sonho dos geresianos, pois o acesso à Galiza passar-se-ia a fazer mais rapidamente, segundo a estrada de Braga ao Gerês e estas Termas seriam muito beneficiadas com o movimento da passagem de carros e turistas.

Valha-nos, pelo menos, a consolação de que o Gerês vai brevemente ficar ligado a Lindoso pela estrada Gerês, Portela do Homem, Serra Amarela, Lindoso, já quase concluída nos seus últimos sete quilómetros, benefício este que mais uma vez se fica devendo à grande acção dos Serviços Florestais. É de lamentar, porém, que os interesses do Gerês, mais uma vez, sejam abandonados.

Guarda Fiscal

Foram desguarnecidos três velhos postos da Guarda Fiscal, um deles com mais de 80 anos de existência, Cabril, Ermida e S. João do Campo, e talvez com carácter definitivo. Foi isto motivo de grande mágoa para as populações rurais onde esses postos se encontravam instalados.

C.

APELO AOS FILATELISTAS

«Pede-nos José Nunes Pombo, internado no Sanatório Sousa Martins, Serviço-3 Guarda, que consigamos que lhe enviemos selos usados.

Pois é a filatelia o seu único e indispensável entretenimentos.

Levanta-se assim o problema: se essa gente é, em tais circunstâncias, feliz à sua maneira, porque motivo e com que direito procuramos lançá-la no labirinto do progresso criando-lhes necessidades e implindo-a a satisfaze-las? Porque motivo não a deixamos nessa fase primária e rudimentar de vida? Pelo mesmo motivo e com o mesmo direito que o pai manda o filho para a escola e lhe impõe uma conduta de vida. Pelo mesmo motivo e com o mesmo direito que nos confere a obrigação de realizar a pessoa humana em toda a sua amplitude. Porque é essa a nossa missão e a justificação da nossa presença em África.

Não viemos para apreciar a paisagem sublime e belezas naturais, para fazer estudos de etnologia ou explorar e absorver toda a sua imensa riqueza deixando os que aqui nasceram de mãos vasias e entregues ao seu obscurantismo, aos seus costumes ancestrais, à sua grandiosidade rústica. Viemos em primeiro lugar, para lhes abrir as portas dum mundo novo nos costumes, na fé e no destino, fazendo-os iguais a nós. Viemos trazendo o arado, a espada e a cruz e a nossa missão vai sendo cumprida resultando dela um homem novo dentro duma concepção nova da vida e despido da ancestralidade que o fazia alheio do resto do mundo. Viemos e vemos substituir o arco e a flecha pelo arado, pela máquina e pela pena.

Muitas vezes, ao percorrer as velhas «sanzalas» sertanejas vemos, com imenso prazer, a velha cobata dar lugar a uma pequena casa caiada com graciosas janelas por onde a luz se escoia através do vidro. Vemos os filhos do homem novo brincarem despreocupados e felizes num jardim com flores e pela porta da casa semi-aberta um pequeno rádio faz-nos ouvir uma canção do Minho.

Então o nosso pensamento voa até junto do berço da nossa juventude e se umas vezes nos leva a divagar pelas alcançiladas aldeias da Ribeira do Homem como turistas virgilianos embebecidos pelo som dolente dos sinos dos campanários a convidar à oração, pelo merulhar das fontes nos seixos e sibilar do vento nos pinheiros, sentindo o orgulho do homem de antanho que, terminado o duro labor do dia, de chapéu na mão, eleva uma prece a Deus, outras vezes há que o nosso pensamento acompanha o homem que entra em casa através do curral e encontra, numa cosinha negra de fuligem, uma criança suja no meio de coelhos e galinhas. O nosso pensamento acompanha o homem quando, sentado junto duma lareira, numa tigela colocada sobre os joelhos, come um caldo de couves assadas

misturadas com pão esfarelado para voltar em seguida ao seu duro trabalho. Sentimos orgulho e vaidade desse homem de carácter moldado pelo granito que pisa, respeitamos e procuramos defender a todo o custo o seu legado de virtudes e fé, mas sentimos também a sua mágoa na luta por um ideal que considera inatingível porque o ensinaram a pensar assim. Admiramos o homem de antanho que começou a ser homem no dia em que se transmalhou do arrebanhado revestido de linhagem dos «senhores de pendão e caldeira», mas confessamos desprezo sincero pela «anta» onde vive encurralado um cérebro.

Se «o homem vale tanto como o ideal que o norteia» não devemos pretender apagar a débil chama que arde na alma daqueles que são todo o nosso orgulho roubando-lhes a esperança e deixando-os entregues ao fatalismo e obscurantismo ou obrigando-os a partir para procurar acalantar essa chama bem longe da sua terra, pondo o calor do seu ideal ao serviço dos outros.

Devemos sim ensinar-lhes que «querer é poder» dentro do âmbito das forças humanas e com fé em Deus e a construir para eles as maravilhas de que são capazes ao serviço dos outros. Não pretendamos debruçar-nos nas torres do castelo do nosso egoísmo e contemplar com olhos comodistas o homem de antanho pensando que ele vive normalmente como quando nos recebe em sua casa com toda a sua indiscutível generosidade e grandeza e concluir que é feliz com o pequeno quinhão de felicidade que muitos poetizam. Devemos sim descer até eles e fazê-los subir na escala social com os olhos em Deus.

Na Ribeira do Homem como em Angola todos têm uma missão social a cumprir em relação àqueles que ainda não atingiram o padrão de vida social que representa a felicidade do homem. É preciso saber descobrir debaixo da paisagem sublime que nos recreia a realidade das pequenas árvores esquecidas que precisam de luz para crescer. O facho que a Revolução Nacional em boa hora acendeu, hoje mais que nunca procura chegar a todos os recantos mais recônditos do nosso vasto império. É preciso que as pessoas de boa vontade de Terras de Bouro vão ao encontro dos desejos do Estado Novo acendendo nesse fogo vivo o seu pequeno facho e a generosidade do nosso homem de antanho nunca mais o deixará apagar, porque, ele melhor que nós, sabe que a vida na terra é mais alguma coisa do que o nascimento e a morte, bodas e luto. Ele sabe

(Continua na 4.ª página)

Tribuna Desportiva

Mais uma jornada do Nacional da 1.ª divisão, se disputou no passado domingo, com os jogos constantes do calendário.

Por isso, efectuou-se no estado 28 de Maio o desafio entre o Sporting local e o Belenenses.

Numa tarde escura com chuva e perante um terreno muito escorregadio o desafio desenrolou-se normalmente, embora com as frequentes quedas dos jogadores.

O Belenenses alinhou sem alguns dos seus melhores titulares, ressentiu-se bastante da sua falta, embora no decorrer do jogo, a equipa tivesse actuado satisfatoriamente.

No entanto a equipa local que nos deu a impressão de fazer um dos melhores jogos do presente campeonato, actuou em plano superior, o que levou a chegar ao intervalo por 1-0.

Na segunda parte o quadro lisboeta, apareceu como era de esperar com acentuada alteração no sistema atacante, o que levou a não tardar a modificar o resultado.

Os bracarenenses não se sujeitaram a defesa fechada, pois logo que lhe porpocionaram oportunidades tentaram alterar a diferença do resultado.

O golo do empate, veio talvez numa altura de piores circunstâncias para os donos da casa.

Porém, depois do tento sofrido reagiram com muito ânimo e não chegaram ao fim vencedores, por manifesta falta de sorte dos seus avançados, que por vezes tiveram oportunidades flagrantes.

O facto da equipa de Belém se ter apresentado desfalcada suspende-nos de fazer um exame mais concreto do seu valor real.

No entanto, podemos afirmar que pela impressão que nos deixou, a equipa talvez esteja um pouco longe daquilo que nós suponhamos valer.

Quanto ao grupo braguês, gostamos da sua actuação e deu-nos manifesta impressão que a equipa está em plena subida de forma.

A defesa com especial referência para o guarda-redes, actuou em bom plano, notando-se acentuada subida do defesa Daniel.

A arbitragem com muita personalidade, actuou em bom plano, podemos considerar de muito boa. Embora tivesse havido algumas reclamações por par do público na marcação de um livre, a verdade é que o Juiz da partida, demonstrou claramente a sua personalidade.

CLASSIFICAÇÃO

	PONTOS
Benfica	15
Sporting	13
F. C. Porto	13
Covilhã	10
Guimarães	10
Belenenses	9
Académica	8
Cuf	8
Salgueiros	7
Lusitano	6
Atlético	4
Leixões	4
Braga	4
Barreirense	1

Instantâneos

DE DOMINGO

O Benfica passou o obstáculo de Santa Bárbara. Por isso, não «trovejou» em Alvalade...

O Belenenses, em Braga, conquistou um ponto e perdeu um ponto? Parece que ambos os clubes se lamentam de não terem conquistado os dois da vitória...

Matateu não jogou em Braga. Matateu fez falta a Otto Glória e... ao Belenenses.

O Atlético, na Tapadinha, «consentiu» que o Salgueiros empatasse. Já é preciso ter azar! Para quando a primeira vitória da gente da Tapadinha?

Que o Benfica teve sorte em Santa Bárbara, embora a sorte, quase sistematicamente, se deixe prender pelos encantos dos audaciosos. Resta apetecer aos «leoninos» que na Luz a sorte benfiquista «bruxoleie» um pouco...

O Benfica prossegue, sem derrotas, à frente da classificação. Preseguem-no, de perto, F. C. do Porto e Sporting. E ainda estamos longe do «sprint» final.

Imanados, Guimarães e Covilhã sobem e descem, descem e sobem...

A «muralha granita da Serra» desmoronou-se nas Antas. Quatro cartuchos de dinamite, «made in Porto», atiraram Rita e seus pares por nuvens e ares...

Os Vimaraneses «estatelaram-se» ao comprido em Évora. Eles também ficaram sem saber «o que tem Évora»... e o respectivo lusitano.

A Académica, em Matosinhos, bastou-lhe jogar pausadamente à defesa, «estilo Wilson», para impor o empate ao Leixões.

Pela segunda vez consecutiva, o trio de árbitros do Porto actuou em jogos no

Tribuna de Vieira

Os leitores da Tribuna, por certo, hão-de estranhar quase a completa ausência do Cronista que durante cerca de dezoito meses se referiu a alguns dos factos ocorridos nesta terra buliçosa e agitada, nas colunas deste semanário.

E com razão, talvez. As notícias, ou agradáveis ou incomodativas, abundam hoje, como então.

No entanto, o que se passou e foi objecto de crítica séria e construtiva, volta agora a cenário.

É que ainda decorre o longo e fatigante inquérito onde se procura averiguar das res-

pousabilidades dos presumíveis culpados. Os Vieirenses a quem não pode desinteressar a vida administrativa do município, interrogam-se e querem saber o que há, aguardando impacientes o desfecho deste drama que tem muito de cómico e burlesco.

Dizem-nos que agora se joga à defesa. É que mudando de campo no segundo tempo, aproveitam-se os últimos momentos para um empate. Cá por mim, confio na imparcialidade dos árbitros e justiça será feita.

Mas como?

(Continuação da 4.ª página)

Resultados 1.ª Divisão 7.ª Jornada

Sporting — Barreirense	4-0
Braga — Belenenses	1-1
Cuf — Benfica	1-3
F. C. Porto — Covilhã	4-0
Lusitano — Guimarães	4-0
Leixões — Académica	1-1
Atlético — Salgueiros	2-2

Jogos para Amanhã 1.ª Divisão

Belenenses — F. C. do Porto
Benfica — Sporting
Leixões — Atlético
Salgueiros — Lusitano

Sul. Francisco Guerra dirigiu o Belenenses-Sporting. Agora, foi a vez de Abel da Costa no encontro de «Santa Bárbara».

Guimarães — Cuf
Académica — Covilhã
Barreirense — Braga

2.ª Divisão

Zona Norte

U. Coimbra — Castelo Branco
Caldas — Gil Vicente
Beira Mar — Boavista
Torreense — Oliveirense
Sanjoanense — Feirense
Marinhense — Chaves
Vianense — Peniche

Zona Sul

Beja — Lusitano
Estoril — Juventude
Montijo — Alhandra
Oriental — Olhanense
Farense — Sacavenense
Olivais — Setúbal
Portimonense — Montemor

Resultados da 2.ª Divisão Nacional

Zona Norte

Boavista — U. Coimbra	5-1
Oliveirense — Beira Mar	1-0
C. Branco — Caldas	4-1
Feirense — Torreense	2-2
Chaves — Sanjoanense	5-1
Peniche — Marinhense	2-0
Gil Vicente — Vianense	2-1

Zona Sul

Lusitano — Estoril	2-0
Alhandra — Desp. Beja	4-1
Olhanense — Montijo	2-1
Sacavenense — Oriental	0-3
V. Setúbal — Farense	4-0
Montemor — S. L. Olivais	4-2
Juventude — Portimon.	2-1

* * *

Deste grande empreendimento publicitário saiu apenas à luz o *Elogio e Descendência do Marquês*, tomo impresso que no cartório de Castro substitui o primeiro manuscrito.

Começa por duas cartas endereçadas ao 3.º marquês, seu neto e autor desta 2.ª edição: a 1.ª carta é de D. Francisco Xavier de Menezes, IV conde da Ericeira; a 2.ª de Jerónimo Godinho de Niza, oficial maior da Secretaria das Mercês, etc. nelas se realça a figura do 1.º marquês de Montebelo.

Em continuação do «prólogo» tem a seguinte nota manuscrita, de mão e letra do autor:

Escrevo este Elogio em Português porque constem na nossa nação tantas acçoens de que avia pouca noticia, e o mais em castelhano por ser a lingua em que está escripto o Memorial Genealógico a que se fazem as Notas — Valle.

Confrontando a esquematização atrás referida dos nove tomos com a dos originais manuscritos — *in fol. de grande formato (47x32) de vário numero de pag. e encadernados de pergaminho* — verifica-se que estes eram apenas oito, razão do oitavo tomo impresso constituir o tal *Suplemento* em que se desdobravam os restantes originais «para evitar digressões».

São de veras curiosos estes manuscritos, alguns despretenciosamente ilustrados com desenhos de árvores genealógicas, eles contam para a história da iluminura e das artes gráficas que já a sobrepujavam inteiramente.

Neles, o copista empregou geralmente a letra garrafal, influenciado pela letra redonda; em vez da paciente iluminura, recortou vinhetas impressas e outras guarnições em que moldurou a escrita, colando-as nas folhas a título de ilustração — testemunham a plena decadência do manuscrito, a favor do já notável progresso da gravura e das artes gráficas.

O *Elogio*, exemplar bastante raro nas bibliotecas, e pouco conhecido mesmo dos estudiosos, foi mais explorado pela malícia e má

(CONTINUA)

PERGAMINHOS DE CASTRO

Por D. S.

Memorial de Montebelo

com suas notas históricas e autênticas, contendo a origem das famílias, as armas, os solares, as varonias e as árvores genealógicas.

Acrescentou-lhe (anadió se le) um copiosíssimo índice e o memorial em que se referem as famílias estrangeiras de que procediam os sucessores da casa do marquês por seu casamento, com toda a sua descendência, e com o *Elogio* das dilatadas memórias do mesmo marquês.

Era o seguinte o plano da reedição deste gigantesco *Memorial*. O tomo I, contém o *Elogio* e descendência do marquês; o II trata do pai até ao quarto avô do mesmo marquês; o III trata do quarto até ao sexto avô do marquês, com sua ascendência, e é o último em que se trata de sua varonia.

O tomo IV trata da mãe até ao quinto avô materno do marquês; o V trata do quinto até ao sétimo avô materno; o VI trata do sétimo até ao décimo quinto avô materno do marquês, com sua ascendência, e é o último em que se trata de sua casa.

O tomo VII contém o *Memorial* que fez ao imperador Carlos VI, continuando a pretensão do memorial do marquês, ensinando, a parte que toca das famílias de Alemanha e de Itália aos Machados seus descendentes.

O tomo VIII era um suplemento de linhas reais que não couberam nas quatro árvores que ficam no 1.º e 4.º tomos, e das varonias de que se trata em todos, onde deixaram de produzir-se para evitar digressões.

O tomo IX contém as memórias da casa dos Machados, que são provas históricas e autênticas do *Memorial*, e suas notas.